

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL -
PLAGEDER

LUIS ALBERTO TOMASI

TURISMO RURAL NO INTERIOR DO MUNICÍPIO DE MARAU-RS,
COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA: UMA ANÁLISE DE SEU
POTENCIAL.

Camargo, RS

2013

LUIS ALBERTO TOMASI

**TURISMO RURAL NO INTERIOR DO MUNICIPIO DE MARAU-RS,
COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA: UMA ANÁLISE DE SEU
POTENCIAL.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Marcelino de Souza

Coorientador: Tutor M.Sc. Clarice Bastarz

Camargo, RS

2013

LUIS ALBERTO TOMASI

**TURISMO RURAL NO INTERIOR DO MUNICIPIO DE MARAU-RS: UMA
ANÁLISE DE SEU POTENCIAL.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Aprovado com Conceito (_____)

Prof(a). Dr(a). Marcelino de Souza
Orientador
UFRGS

Prof(a). Eber Pires Marluzo
UFRGS

Prof(a). Dr(a). Daniela Wives
Instituição
Camargo, 20 de Agosto de 2013.

Dedico este trabalho, a todas as pessoas que direta e indiretamente
contribuíram, para que este objetivo fosse alcançado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu a vida, e pela fé que tenho;

A UFRGS pela oportunidade de poder cursar nível superior

Agradeço a minha esposa, filhos, mãe enfim toda a minha família pela força, carinho e dedicação nos momentos em que precisei de uma atenção especial, a compreensão nos dias em que me fiz ausente do lar;

Aos mestres pela formação que recebi; Ao Orientador: Prof. Dr. Marcelino de Souza, a Coorientadora: Tutora M.Sc. Clarice Bastarz por toda a ajuda recebida; aos meus colegas, que sempre estiveram presentes nas horas boas e ruins durante a evolução de nosso curso, e que não nos deixaram desistir, obrigado a todos.

E Obrigado a todas as pessoas que contribuíram para meu sucesso e para meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês.

RESUMO

O presente trabalho, estudo aborda o turismo rural e sua importância para o desenvolvimento e a oportunidade para a permanência dos agricultores no campo. Neste contexto, fez-se um estudo acerca das possibilidades de desenvolver o turismo rural junto aos agricultores da comunidade de nossa senhora aparecida, interior do município de marau (rs). Com o objetivo de analisar o potencial desta comunidade, analisaram-se os atrativos turísticos existentes naquela região, de acordo com a classificação de boullón (2002). Através deste estudo, pôde-se perceber que o turismo rural possui potencial na comunidade, seja pelo interesse demonstrado pelos agricultores entrevistados e pela diversidade de atrativos constatada.

Palavras Chave: desenvolvimento rural; atrativos turísticos; Comunidade Nossa Senhora Aparecida.

ABSTRACT

This article discusses the rural tourism and its importance for the development and the opportunity for farmers to stay in the field. In this context, a study was made about the possibilities to develop rural tourism with the farmers of the community of our Lady of Aparecida, in the city of Marau (rs). With the purpose of analyzing the potential of this community, analyzed the existing tourist attractions in the region, according to the classification of boullón (2002). Through this study, could realize that the rural tourism has potential in the community, either by interest shown by farmers interviews and diversity of attractions found.

Keywords: *Rural development; Tourist attractions; Nossa Senhora Aparecida Community.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 -	CLASSIFICAÇÃO DOS ATRATIVOS TURISTICOS DE ACORDO COM BOULLÓN.....	24
FIGURA 02 -	LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MARAU	27
FIGURA 03-	ANTIGA ESCOLA MUNICIPAL.....	28
FIGURA 04-	SEDE DAS PROPRIEDADES ESTUDADAS.....	31
FIGURA 05-	BARRAGEM DO RIO CAPINGUI.....	34
FIGURA 06-	SANTUARIO DE NOSSA SENHORA APARECIDA.....	34
FIGURA 07-	MANSÕES NA BEIRA DA BARRAGEM.....	34
FIGURA 08-	IGREJA REPLICA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA.....	35
FIGURA 09-	VIADUTO DA VIAÇÃO FÉRREA.....	35
FIGURA 10-	AÇUDE PARA PESCA.....	36
FIGURA 11-	PISCINA DA PROPRIEDADE 01.....	36
FIGURA 12-	BANHADO COM NASCENTES PROXIMA A SANGAS.....	37
QUADRO A-	CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	29
QUADRO B-	CARACTERISTICAS DAS FAMILIAS.....	30
QUADRO C-	CARACTERISTICAS DAS PROPRIEDADES ESTUDADAS.....	30
QUADRO D-	CLASSIFICAÇÃO DOS ATRATIVOS DE NOSSA SENHORA APARECIDA.....	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 DESENVOLVIMENTO RURAL.....	12
2.1.1 A importância da agricultura familiar para o desenvolvimento rural	14
2.1.2 Novas ruralidades	16
2.2 TURISMO RURAL.....	18
2.3 ATRATIVOS TURÍSTICOS.....	20
3 METODOLOGIA.....	23
4 RESULTADOS	26
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	26
4.2 POTENCIALIDADES DO TURISMO RURAL DE N. S ^a APARECIDA	30
4.2.1 Interesse dos proprietários no turismo rural	33
4.2.2 Classificação dos atrativos turísticos	34
5 CONCLUSÕES.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
APÊNDICE	43

1 INTRODUÇÃO

O turismo rural é uma ferramenta que vem sendo usada no desenvolvimento de comunidades rurais, por diversas razões, dentre as quais se destaca a necessidade que o produtor tem em diversificar sua fonte de renda e em valorizar seus produtos agrícolas.

A valorização do mundo rural e as transformações que tem ocorrido nas unidades familiares de produção vêm buscando através de atividades complementares o aumento da renda. O turismo rural vem ser uma fonte de renda, lazer, cultura e educação, para as famílias deste meio.

Hoje se vê no turismo rural, uma possibilidade, de ajuda para solucionar o problema dos pequenos agricultores, com pequenas propriedades, há qual houve uma evasão dos filhos mais jovens procurando trabalho na cidade por falta de incentivos e renda dentro das propriedades. A partir da união e a organização de três comunidades rurais e de alguns pequenos agricultores familiares no interior do município de Marau (RS), em 2008 foi criado o roteiro turístico rural, denominado a Rota das Salamarias. Este roteiro foi fomentado pela diversificação de atividades rurais as quais as famílias desenvolviam. Tendo assim uma oportunidade de desenvolver-se economicamente através do turismo rural e de suas belezas naturais existentes nas comunidades.

O presente trabalho, estudo irá abranger o turismo como potencialidade ligada ao desenvolvimento rural, com enfoque na comunidade de Nossa Senhora Aparecida, a qual tem início no Eco Parque, onde está situada a usina hidroelétrica da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), na comunidade do Taquari, podendo seguir até na Barragem do Capinguí, a qual se encontra na comunidade de Nossa Senhora Aparecida.

O trabalho em questão justifica-se, devido ao incentivo de implantação da atividade turística na comunidade de Nossa Senhora Aparecida no município de Marau. O turismo rural traz possibilidades de desenvolvimento rural dentro das propriedades e da comunidade onde a mesma está inserida, aproveitando as riquezas naturais de cada local. Com o investimento em turismo rural, o êxodo poderá não ocorrer, sendo que apresentará um a nova oportunidade, para os que gostam do trabalho rural e se vê com pouca possibilidade de crescimento, e assim deixando de ir para os grandes centros, tendo que trabalhar, principalmente na construção civil com baixa remuneração.

Desta maneira procurou-se responder a questão problema: Qual é o potencial da Comunidade Nossa Senhora Aparecida para o desenvolvimento do turismo rural?

O trabalho tem como objetivo geral, analisar o potencial turístico da Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Marau, Rio Grande do Sul, para o desenvolvimento do turismo rural. Como objetivos específicos devem-se destacar:

- Caracterizar as propriedades rurais da comunidade;
- Verificar o interesse dos proprietários na atividade de turismo rural;
- Identificar os atrativos turísticos existentes nas propriedades rurais caracterizadas;

Para alcançar estes objetivos elaborou-se metodologia com pesquisa de caráter qualitativo, através de entrevistas e observações *in loco*. Com os resultados obteve-se demonstrar as potencialidades que Nossa Senhora Aparecida possui, do ponto de vista da oferta turística, para o desenvolvimento da atividade de turismo rural, pois a maior preocupação destas famílias é com a vida que os mesmos levam na cidade e continuar com suas culturas, tradições e até mesmo a sucessão da família rural na comunidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento rural e a revalorização deste espaço se dão focados em um modo de vida considerado mais saudável, englobando diversas atividades agrícolas e não-agrícolas. Entre estas atividades, dá-se atenção especial neste estudo ao turismo rural. Para tratar da análise do potencial de uma comunidade para o turismo rural, foi necessário abordar temáticas inerentes a estes temas como a importância da agricultura familiar, as novas ruralidades e atrativos turísticos.

2.1 DESENVOLVIMENTO RURAL.

Ao interpretar a modernização da agricultura, encontramos duas caracterizações entre os vários autores que discutem o tema, alguns consideram as transformações técnicas, outros defendem o processo de produção como um todo. Na questão das transformações técnicas, consideram-se as máquinas agrícolas, e o uso de insumos modernos, os quais permitem uma maior produtividade da lavoura gerando renda. Dessa maneira entende-se a modernização como sinônimo de mecanização e tecnificação da lavoura. (Graziano Neto, 1985)

Assim o processo de produção como um todo, mostra que o conceito de modernização dele levar em consideração todo o processo de modificações ocorrido nas relações sociais de

produção e não apenas aos equipamentos usados. A modernização do novo rural segue os moldes capitalistas tornando certos produtos e produtores favorecidos, beneficiando a monocultura. Alguns autores denominam “industrialização da agricultura” a modernização do novo meio rural.

Ao conceituar a modernização da agricultura, encontraram-se diversos autores que discutem o tema. Os autores KAGEYAMA, 2000; GRAZIANO DA SILVA, 1985, consideram o processo de modernização, no geral, a partir das transformações ocorridas na base técnica da produção e outros que a consideram a partir das transformações ocorridas dentro de todo o processo de produção (não se restringe apenas na base tecnológica, mas sim no avanço ocorrido a partir das relações sociais capitalistas).

Para Graziano Neto (1985, p. 27):

“a chamada modernização da agricultura não é outra coisa, para ser mais correto, que o processo de transformação capitalista da agricultura, que ocorre vinculado às transformações gerais da economia brasileira recente”. (GRAZIANO NETO, 1985, pag.27).

Com o incentivo das indústrias oferecendo cada vez mais equipamentos modernos, os agricultores estão se adaptando cada vez melhor ao manejo no campo, tornando assim mais fácil a realização dos agricultores. Mas, no entanto acaba por tornar o cultivo do campo subordinado a indústria, que essa por sua vez, acaba ditando as ordens para a produção.

Segundo Brum (1988), as principais razões da modernização da agricultura são:

- Elevação da produtividade do trabalho visando o aumento do lucro e a mecanização tornando-se assim uma monocultura;
- Redução dos custos unitários de produção para vencer a concorrência;
- Necessidade de superar os conflitos entre capital e o latifúndio, visto que a modernização levantou a questão da renda da terra;
- Possibilitar a implantação do complexo agroindustrial no país.

O clima é importante para a agricultura, mas este acaba por não influenciar totalmente na produção, pois através da modernização os produtores buscam condições técnicas para enfrentar possíveis dificuldades impostas pela natureza. Sendo assim, surge um montante de recursos artificiais para a conservação do solo e fertilização, mecanização da lavoura, seleção de sementes, dentre outros recursos, busca-se a obtenção de maior produtividade.

Ao analisar os efeitos da modernização da agricultura, encontramos um agravamento nas questões ambientais, aumento populacional nas cidades, poder aquisitivo de terras e renda nas “mãos” de poucos, intensificação das lutas sociais, inclusão e/ou exclusão de segmentos sociais e de lugares no processo agrícola. Destaca-se um molde de exploração capitalista, dotada de meios e técnicas que asseguram a eficácia e rentabilidade de produção. Na nova agricultura surgem os agrotóxicos afetando o meio ambiente, e influenciando a qualidade de vida das famílias. (ABRAMOVAY, 1997).

Na estratégia de acumulação e expansão do capitalismo, a agricultura familiar coloca-se na dependência da busca da produção e da produtividade, atrelando-se, muitas vezes, ao complexo agroindustrial com profundas mudanças econômicas, sociais e culturais.

Demonstrando a significância do processo de modernização na agricultura brasileira, e suas consequências, podemos entender os impactos causados pelas vias sinuosas e múltiplas do processo de modernização na agricultura brasileira e/ou da chamada “modernização dolorosa”, “modernização parcial”, “modernização conservadora” e “modernização excludente”, nas quais as transformações socioespaciais manifestaram-se em todas as regiões, e, respeitando as especificidades regionais, seus impactos estão presentes até hoje. (Scheider 2004).

Desta forma, o desenvolvimento rural não é sinônimo de progresso técnico e tem como base fundamental a sustentabilidade do produtor rural. Schneider (2004, p.93) expõe um conceito importante sobre o desenvolvimento rural:

“Uma análise apropriada dos processos de mudança socioeconômicos que tem lugar nos espaços rurais e seus articuladores externos requer o enfrentamento da espinhosa tarefa de definir o que se entende por desenvolvimento rural. Em face das transformações societárias que se operaram a partir do processo mais geral de reestruturação econômica e institucional que vem se aprofundando nos anos recentes, vários analistas passaram a preconizar a necessidade de repensar as abordagens analíticas e os enfoques que até então eram utilizados como referências teóricas para definir o desenvolvimento rural.”

Neste sentido, o desenvolvimento rural pode ser entendido como um processo que busca a melhoria da qualidade de vida das populações rurais, nas diferentes esferas: social, cultural, ambiental e econômica. Essa noção de desenvolvimento rural leva em conta a intensificação da sociabilidade entre as famílias rurais.

Segundo Kageyama (2008, p.52) também tem sua opinião sobre Desenvolvimento Rural, onde ela diz:

“O desenvolvimento rural, por sua vez, não é identificado com o crescimento econômico, visto como um processo que envolve múltiplas dimensões: dimensão econômica, dimensão sociocultural, dimensão política-institucional, e dimensão ambiental”.

Sendo assim segundo Kageyama o desenvolvimento rural não é somente econômico, mas sim desenvolvimento rural compreende em varias dimensões onde envolve vários atores e níveis do meio rural.

2.1.1 A importância da agricultura familiar para o desenvolvimento rural

Sendo assim, o desenvolvimento rural pode ser compreendido como uma prática que visa uma melhor qualidade de vida da agricultura familiar, nas diferentes dimensões: social, cultural, econômica e ambiental.

A agricultura familiar desempenha um importante papel, à medida que apresenta um modelo próprio para manter sua permanência no meio rural, apesar da crise agrícola que atinge de forma mais significativa os pequenos agricultores. A produção de alimentos consumidos no território nacional e produzida pela agricultura familiar. De acordo com dados do Censo Agropecuário de 2006, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a agricultura familiar é responsável por 70% dos itens básicos da alimentação dos brasileiros.

Segundo Assis do Couto (2006):

“Em torno de 70% da produção de alimentos de todos os brasileiros são da agricultura familiar, que é quem aproveita melhor o solo e a que menos agride o meio ambiente. É uma oportunidade para diminuir a pressão e a migração para as grandes cidades”.

A Agricultura Familiar sempre teve um papel muito importante na produção agrícola do País, em especial na produção de alimentos que são disponibilizados para a população brasileira. Ela é responsável por 40% de tudo que é produzido no Brasil e gera sete a cada dez ocupações no meio rural (INCRA, apud PNTRAF 2004).

Segundo Casado, Molina e Gusman (2000, p. 118):

“Percebe-se que o rural faz parte da memória do agricultor familiar e permanece ao longo das gerações. Esta memória é a raiz que permanece presente na vida das pessoas do campo, formando uma espécie de identidade de agricultor, que se manifesta através de um vínculo afetivo e nostálgico ligado à terra, à cultura, ao trabalho e à produção”.

No meio rural criou-se um espaço de produção e reprodução de conhecimentos, troca de saberes sociais que segundo Damasceno Nobre (1993, p.55):

“Esse saber é entendido como o saber básico que os integrantes de um grupo social necessitam para participar do seu ambiente, qualificando-se por ser prático (em termos técnico, político, religioso etc.), mediante o qual o sujeito interfere na vida cotidiana. Portanto o saber cotidiano refere-se a situações particulares, distinguindo-se do saber metódico”.

A partir da década de 1990, o meio rural passou a ser estudado e houve uma valorização da produção familiar. Pelas características que a agricultura familiar apresenta a democratização do acesso aos recursos naturais, a terra, a água e outros, bem como o fortalecimento da mesma, é uma necessidade social e um fator de melhor gestão, conservação dos recursos naturais, além prover uma melhor organização econômica daquele ambiente, sempre dentro de uma perspectiva de sustentabilidade.

É dentro desta perspectiva também, que se justificam as políticas de reforma agrária, as políticas diferenciadas para a agricultura familiar. Estas políticas devem fazer parte de um projeto maior, global de desenvolvimento sustentável. A agricultura familiar não pode receber estímulos, dentro do velho paradigma da modernização conservadora, com a finalidade de resolver ou amenizar os problemas de desemprego urbano.

E como aspecto importante deste trabalho chama-se a atenção para a questão da participação como um elemento fundamental da sustentabilidade, tanto da agricultura como do processo de desenvolvimento como um todo. A participação aqui deve ser entendida como

um direito do cidadão e um exercício à cidadania, e não como uma outorga de espaço limitado dentro do processo de desenvolvimento, seja rural ou global.

Quando se faz menção à participação, fala-se da possibilidade concreta dos agricultores familiares poderem participar do diagnóstico, da discussão, do planejamento, da execução, da pesquisa, da gestão social dos programas e políticas e da avaliação dos mesmos. Isso implica no desenho de metodologias que permitam a produção conjunta do conhecimento aplicável ao desenvolvimento.

A capacitação dos agricultores familiares, bem como o fortalecimento de suas instituições para o exercício da participação, é um ponto fundamental para o avanço da democracia social. Desta forma, torna-se importante aos agricultores terem conhecimento dos sistemas de tomadas de decisão, nas instâncias local, regional, nacional e até internacional. Para que assim, participem de forma ativa na tomada de decisões políticas macroeconômicas, e se articular com outros agentes sociais. Tendo em vista, a elaboração de políticas setoriais e diferenciadas sustentáveis.

Delgado (1998), diz que as políticas diferenciadas devem ser um instrumento de fortalecimento político do campesinato, de sua organização e representação, formas democráticas de integração do mesmo ao desenvolvimento econômico e social do país, o que significa que tem de ser descentralizadas, participativas, com política fundiária claramente delimitada.

A autora Patrícia Gouveia de Queiroz (2005) coloca o seguinte:

“ que o desafio que se coloca então é como construir processos que levam ao desenvolvimento econômico que resguarde a riqueza cultural e social das localidades e desenvolva suas potencialidades, assim, contribua para um desenvolvimento mais humano, com crescimento econômico e de qualidade compartilhado com a maioria da população, a partir de uma perspectiva aplicada à região e que possibilitem melhorar suas inter-relações com seu entorno rural, isto é, o desenvolvimento local”.

Dessa maneira, o desenvolvimento rural pode ser entendido como um processo e uma prática que busca a melhoria da qualidade de vida das famílias rurais, nas diferentes esferas: social, cultural, ambiental e econômica.

2.1.2 Novas ruralidades

O espaço rural modificou-se durante os últimos anos, seus moradores não se ocupam mais de forma integral às atividades agropecuárias, as quais passaram a serem combinadas

com as atividades não agrícolas, internas ou externas às propriedades, atividades essas que possibilitam rendimentos complementares às famílias, como aviários, chiqueirões, produção de ovos, necessárias para sua sobrevivência e até mesmo permanência no espaço rural. (Santos 2004).

Para Novaes (apud TEIXEIRA, 1998 p.3)

“As atividades do meio rural podem representar um instrumento valioso na revitalização do ambiente cultural de uma região, além de beneficiar o produtor rural com uma fonte complementar de renda e, principalmente contribuir para evitar o êxodo rural, melhorando a qualidade de vida dos que vivem em diferentes localidades rurais”.

O meio rural já não pode ser demarcado apenas como o lugar onde se planta e se criam animais. Na busca de alternativas para as inconstâncias da rede agrícola, produtores estão investindo no agro turismo. É uma maneira de combinar a atividade agrícola com a venda dos produtos da roça diretamente para os visitantes da cidade, cujas idas e vindas também contribuem para diminuir algumas cercas que separa o mundo rural do urbano. Nesta conjuntura, o turismo rural que é foco deste trabalho, assume uma grande importância em nosso meio. (Graziano, 1995).

Para Graziano da Silva e Campanhola (1999 p.12):

“O turismo no meio rural deve ser uma atividade essencialmente difusa, diretamente relacionada com aspectos ambientais, e com especificidades inerentes a cada local. Nesse sentido, as estratégias devem se basear em economias de ‘gama’ ao invés de economias de escala, pois a idéia não é maximizar o número de turistas, mais ampliar as ocasiões de gastos dos mesmos”.

Nos últimos anos, houve um aumento significativo nas atividades não agrícolas dentro das propriedades, conforme vem ocorrendo nos países da Europa e América do Norte. Neste sentido reforçam o argumento da necessidade de um novo enfoque para os novos cenários rurais. Graziano da Silva (2010, p. 26) destaca que “concretizar a idéia fundamental de que o espaço rural não era mais um reduto exclusivo das atividades agrícolas e que as atividades de turismo e recreativas no meio rural poderiam se transformar numa importante fonte de renda.”

Nesse sentido, diz também Wanderley (1989):

“o meio rural não seria apenas o lugar da produção agrícola, mas também um espaço diferenciado, capaz de oferecer a população urbana, padrões de residência específicos e formas de lazer ligados ao contato com a natureza, como turismo rural, por exemplo.”

Seguindo as ideias de Wanderley e Graziano, pode-se dizer que o turismo rural é uma atividade típica do Novo Rural, imbuído de características que vão de encontro à nova realidade que o espaço rural apresenta.

2.2 TURISMO RURAL

Os autores Graziano da Silva, Vilarinho e Dale (1997) apontam o turismo rural, como uma atividade que une a exploração econômica a outras funções como a valorização do ambiente rural e da cultura local que, não raras vezes, são alguns de seus atrativos principais. Em uma conceituação mais ampla, pode-se dizer que o turismo rural consiste de atividades de lazer realizadas neste ambiente. Este conceito genérico pode englobar, entre outras, as modalidades do turismo ecológico, o de aventura, o cultural, o de negócios, o destinado para jovens, o social, o de saúde e o turismo esportivo (CAMPANHOLA e GRAZIANO DA SILVA, 1999).

Para Schneider (2006, p. 04), “o turismo rural possui várias formas de prestação de serviços, com agregação de valor aos produtos de origem agrícola, é uma nova forma de emprego e ocupação e ampliação de rendas das famílias e diversificação da economia local”.

Desta forma, pode diminuir efeitos do êxodo rural, buscando a valorização e a conservação dos costumes culturais, além de viabilizar as novas gerações o ensejo de permanecer na localidade, através de novas oportunidades de trabalho familiar.

O turismo rural pode viabilizar a possibilidade real de desenvolvimento para municípios, que, de certa forma, estão excluídos dos principais circuitos produtivos. O setor turístico pode oferecer oportunidades para a agricultura familiar, incentivar a fazerem investimentos nas propriedades que virão a ser componentes de uma rota turística. O meio rural pode ser aproveitado para o turismo, não só as propriedades, como também os atrativos e produtos existentes no campo podem ser uma opção para os turistas e uma oportunidade para os que nele vivem.

Perazzo (2001) analisa o turismo rural, como uma atividade que busca unir os turistas as propriedades visitadas, de forma que ocorra a exploração econômica, cultural local e valorização do ambiente que são segundo o autor, os seus principais atrativos. O autor destaca

três pontos importantes: a exploração econômica, a valorização do ambiente e a valorização da cultura local. Que a partir do momento que os mesmos trabalhem em conjunto, podem levar ao desenvolvimento das localidades onde a atividade do turismo é praticada.

Quanto às suas origens o turismo rural teve início na Europa, estendendo-se para os demais continentes, visto que: desde os anos 50, em numerosos países do Norte e do Centro da Europa, e certamente desde os anos 70 nos países do Sul, o turismo rural é considerado como uma estratégia com futuro, uma vez que contribui para a fixação da população, a criação de emprego e, sem dúvida, a promoção do desenvolvimento socioeconômico das zonas desfavorecidas. (LEADER, 2012).

Froehlich (1999) lembra as modalidades do turismo como ecoturismo, agroturismo, turismo de aventura, esportivo, cultural e destaca sobre o crescimento de adeptos a esta nova área de lazer.

A história do turismo rural no Brasil é recente e está relacionada com as diversas fases do processo de ocupação do território. As paisagens rurais brasileiras, assim como seus aspectos marcantes, se constituíram através dos chamados ciclos econômicos originando um diversificado patrimônio histórico e cultural. O ciclo do gado, que praticamente ocorreu em todo o território nacional, originou grandes rotas turísticas, um rico folclore e uma saborosa gastronomia. A cana-de-açúcar na zona da mata nordestina, o ciclo do ouro e do diamante em Minas Gerais e também a era do café na região sudeste são responsáveis por um valioso patrimônio arquitetônico urbano e rural. (JORNAL DESVENDAR, 2012).

Segundo estudiosos, não existe marco preciso para datar o início desta atividade, principalmente em função da dimensão territorial de nosso país. Mas sabe-se também que a primeira iniciativa oficial, ou seja, com utilização do termo Turismo Rural, se deu em 1986 na fazenda Pedras Brancas no município de Lages (SC). Oferecendo pernoite e participação nas atividades típicas do meio rural, esta fazenda passou a acolher visitantes para usufruir “um dia no campo”. Esta iniciativa se multiplicou ao longo do tempo e rapidamente vários lugares do território nacional implantaram esta alternativa como incremento ao desenvolvimento das populações rurais (JORNAL DESVENDAR, 2012).

O Rio Grande do Sul, por suas características culturais, históricas e geográficas, os seus roteiros turísticos rurais são culturalmente ricos e com histórias fascinantes. As tradições gaúchas mesclam-se com a exuberante natureza do interior do Estado. Os hotéis fazenda mostram muito da cultura e atrações das regiões, como cavalgadas em noites de luar, tomar banho de cachoeira, apreciar o manejo da lida do campo, na culinária o destaque para o churrasco, os fandangos em CTGs, os rodeios e as vestimentas tradicionalistas (pilcha). Na

serra gaúcha encontram-se as vinícolas que ao longo do trajeto, trazem consigo degustação e varejo de produtos típicos coloniais (salame, queijo, vinho, pão caseiro, polenta e massas), atrativos como tirar água do poço, andar de carroça entre outros.

A crescente importância adquirida nos últimos 20 anos pelo turismo rural como prática social tem contribuído para o surgimento de diversas iniciativas direcionadas para o desenvolvimento. Não se tem dúvidas de que o mundo da produção e do trabalho passa por transformações, torna-se importante as mudanças e iniciativas que tem em vista criar mercados, movimentar a economia local e gerar emprego e renda para a população por meio de incentivos do poder público municipal e do estado, a setores como o turismo rural.

As atividades turísticas no meio rural que se desenvolvam harmoniosamente com a agricultura e, em regiões que apresentem características compatíveis às necessárias ao desenvolvimento desta atividade, pode alavancar a economia local gerando aumento na oferta de emprego e conseqüentemente elevando o nível de vida da população atingida. O turismo rural sendo planejado, organizado e administrado, com coerência e responsabilidade, tem condições de ser um instrumento valioso para promover o desenvolvimento de regiões que estão às margens do crescimento econômico. (Schneider, 2004).

2.3 ATRATIVOS TURÍSTICOS

Ao conceituar os atrativos turísticos, autores como Boullón definem como atrativos os naturais, culturais, manifestações e usos tradicionais e populares, realizações técnicas e científicas contemporâneas e acontecimentos programados.(Boullón, 2002)

Ao analisar os elementos com potencial para a atração turística, são conceitualmente divididos em dois grandes grupos: Atrativos turísticos que são elementos de utilização turística efetiva, com potencial de atração já aproveitado, total ou parcialmente. Caracterizam-se pelo fluxo turístico significativo e pela presença de estruturas receptoras tais como acesso, serviços de alimentação ou outros. E o segundo grupo que são os recursos turísticos definem-se por elementos com potencial de atração turístico não aproveitado ou em fase incipiente de desenvolvimento. Podem vir a tornarem-se atrativos turísticos efetivos através de ações de desenvolvimento de curto, médio ou longo prazo.

Desenvolver o turismo como uma atividade econômica sustentável, com papel relevante na geração de empregos e divisas, proporcionando a inclusão social.

Quanto aos atrativos turísticos, Boullón observa que a maior dificuldade reside no procedimento de avaliação, devido ao fato que “[...], em toda cidade se observa uma tendência

a superestimar seu patrimônio”, e que, “a fim de evitar as deformações a que pode conduzir esta tendência, deve-se aplicar os critérios de avaliação de um atrativo em relação a sua capacidade para atrair os diferentes tipos de mercado” (BOULLÓN, 1995, p. 82).

BOULLÓN (1995, p. 43) observa que as instalações (de água e praia, montanha e gerais) são muito difíceis de avaliar, pois o número de tipos que as compõem é muito elevado e porque reúnem muito diversos.

Todavia, destaca que tais aspectos não devem ser empecilhos “[...] para que se registre com igual critério sistemático que o aplicado aos atrativos e aos equipamentos, no que toca a discriminação das características técnicas que as definem” (BOULLÓN, 1995, p.82).

Boullón (2002) afirma que o planejamento físico de uma rota turística tem a finalidade de ordenar as ações do homem sobre o território, ocupando-se em resolver harmonicamente a construção de todo tipo de coisas, bem como antecipar o efeito da exploração dos recursos naturais. É uma tentativa de dar resposta aos problemas causados pelo uso anárquico do solo, a partir da expansão da população em termos quantitativos, que trouxe como consequência a disputa pelo espaço em exploração e o avanço para outros incultos. Para o turismo, interessa o planejamento do espaço terrestre. O espaço turístico é consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos, que são a matéria-prima do turismo.

Uma característica física dos atrativos é que, mesmo muito próximos, dificilmente se tocam, e a outra é que, mesmo nos países com densidade de atrativos, existem grandes áreas que carecem deles, acentuando-se sua descontinuidade. Visto que o espaço turístico é entrecortado, não se pode recorrer a técnicas de regionalização para proceder a sua delimitação porque, de acordo com elas, seria preciso abranger toda a superfície do país ou da região em estudo, e caso isso fosse feito, grandes superfícies que não são turísticas figurariam como turísticas, cometendo-se um erro. Isso significa que regiões turísticas não existem. É precisamente para substituir a ideia de região turística que desenvolvemos a ideia de espaço turístico (BOULLÓN, 2002).

A melhor forma de determinar um espaço turístico, segundo o autor é recorrer ao método empírico, observando-se as distribuições territoriais dos atrativos e dos empreendimentos, detectando-se os agrupamentos e as concentrações visualmente. Dessa maneira, é possível, por intermédio de procedimentos sistemáticos e de metodologias específicas, encontrar os componentes do espaço turístico, conforme descritos a seguir, de forma descendente em relação ao tamanho de superfície desse espaço. O primeiro componente em que se pode caracterizar um espaço turístico é a zona turística, que se

caracteriza como a maior unidade de análise e estruturação do universo espacial turístico de um país, possuindo superfície variável, pois depende da extensão territorial de cada Nação e da forma de distribuição dos seus atrativos turísticos, cuja dimensão mínima é pouco superior à máxima alcançada por um complexo turístico. Para existir, deve contar com um número mínimo de dez atrativos turísticos próximos, sem importar a categoria a que pertencem. Alocando-se num mapa a localização exata de todos os atrativos, determina-se visualmente a proximidade deles, utilizando-se a lei da contiguidade. (BOULLÓN, 2002).

Além dos atrativos turísticos, para funcionar adequadamente, uma zona deve contar, em seu território, com equipamentos, serviços turísticos e dois ou mais centros turísticos, e estar provida de um sistema de transporte e comunicação que relacione entre si os dois elementos principais e integrem-na com outras zonas e elementos do espaço turístico. Caso careça parcial ou totalmente desses últimos requisitos, deve ser qualificada como zona potencial (BOULLÓN, 2002).

3 METODOLOGIA

A metodologia é o estudo da organização dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo (Fonseca 2002, apud GERHARDT e SILVEIRA 2008, p. 13). Desta forma, Silveira e Córdova (2008), afirmam que para se atingir os objetivos propostos pela pesquisa, devem ser seguidos alguns métodos, determinados por uma ou mais metodologias, sendo definidos os tipos de pesquisa para a realização do estudo.

Assim, os procedimentos metodológicos necessários para atingir o objetivo de analisar o potencial turístico da Comunidade Nossa Senhora Aparecida para o desenvolvimento do turismo rural possuem caráter qualitativo, sendo que “os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (Goldenberg, 1998, p. 53). Para Minayo (2001, p.22) a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” correspondendo, num sentido mais amplo, a um espaço “mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Fez-se necessária uma pesquisa de campo de caráter descritivo. Foram realizadas idas a campo para coletar informações *in loco*, as quais serão descritas buscando cumprir os objetivos específicos de pesquisa. Através das da coleta dos dados, principalmente os referentes à pesquisa de campo, se formulou um diagnóstico acerca do potencial do desenvolvimento do turismo rural na Comunidade Nossa Senhora Aparecida.

Para *caracterizar as áreas de estudo do município*, foi realizada uma pesquisa documental. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, (FONSECA, 2002, p.32). A coleta de dados foi realizada em documentos do IBGE, Prefeitura Municipal e Emater municipal. Para caracterizar foi realizada uma pesquisa com respostas dos proprietários rurais selecionados.

A seleção de propriedades a serem caracterizadas se deu através do critério de localização. Serão selecionadas propriedades próximas à barragem do Capingui (distância aproximada de 1 km das propriedades), pois esta localidade apresenta fluxo turístico devido às características de seu relevo, que é o mais alto do município. A localidade possui acesso fácil e é uma reserva ambiental. Além disso, a “Ferrovia do Trigo” passa pelo o entorno da Barragem do Capingui, a qual também possui o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, atrativo religioso da região de Marau Rs.

LOCALIZAÇÃO: Proximidade a atrativos turísticos consolidados:

- Proximidade com barragem capingui
- Proximidade com ponto mais alto do município e santuário

Com relação à *verificação do interesse dos proprietários na atividade de turismo rural*, foi utilizada uma entrevista. “A entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, pensam, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (GIL, 1991, p.113). Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi estruturada “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações. A análise das entrevistas se atentou em identificar elementos que pudessem facilitar a compreensão da impressão e do interesse que os entrevistados possuem em relação à implantação da atividade de turismo rural em sua propriedade.

Finalmente, para *identificar os atrativos turísticos existentes nas propriedades rurais* selecionadas para o estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica no sentido de estabelecer critérios de análise. A pesquisa bibliográfica foi construída conforme citado por Fonseca (2002, apud GERHARDT E SILVEIRA, 2008, p.35) que “a partir do levantamento de referencias teórico já analisado, e publicado por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, pagina de web sites”. A partir da pesquisa bibliográfica, estabeleceu-se que será utilizada a classificação de Boullón (2002), adaptada pelo Ministério do Turismo, sendo ela:

FIGURA 1 – CLASSIFICAÇÃO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS DE ACORDO COM BOULLÓN.

Quadro 2.3. Classificação dos atrativos turísticos

Categoria	Tipo
1. Sítios naturais	1.1 Montanhas 1.2 Planícies 1.3 Costas 1.4 Lagos, lagoas e esteiros 1.5 Rios e arroios 1.6 Quedas d'água 1.7 Grutas e cavernas 1.8 Locais de observação de flora e fauna 1.9 Locais de caça e pesca 1.10 Caminhos pitorescos 1.11 Termas 1.12 Parques nacionais e reservas de flora e fauna
2. Museus e manifestações culturais históricas	2.1 Museus 2.2 Obras de arte e técnica 2.3 Lugares históricos 2.4 Ruínas e sítios arqueológicos
3. Folclore	3.1 Manifestações religiosas e crenças populares 3.2 Feiras e mercados 3.3 Música e danças 3.4 Artesanato e artes populares 3.5 Comidas e bebidas típicas 3.6 Grupos étnicos 3.7 Arquitetura popular e espontânea
4. Realizações técnicas, científicas ou artísticas contemporâneas	4.1 Explorações de mineração 4.2 Explorações agropecuárias 4.3 Explorações industriais 4.4 Obras de arte e técnica 4.5 Centros científicos e técnicos
5. Eventos programados	5.1 Artísticos 5.2 Esportivos 5.3 Feiras e exposições 5.4 Concursos 5.5 Festas religiosas e profanas 5.6 Carnavais 5.7 Outros

Fonte: BOULLÓN, 2002, p. 56.

A partir da classificação adotada, realizaram-se visitas às propriedades rurais selecionadas para o estudo no sentido de categorizar os atrativos identificados.

Para a identificação dos atrativos foi realizada uma pesquisa de campo, através de visitas nas propriedades rurais. Foram entrevistadas seis famílias, das dezesseis que ali vivem, sobre critérios de escolha o interesse no turismo rural e a proximidade de localização frente aos pontos de maior relevância.

4 RESULTADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Marau faz parte da região do Rio Grande do Sul que foi colonizada por italianos, tendo eles se dedicado à agricultura e suinocultura. O município deve seu nome à trágica história de um cacique bravo, de nome Marau que, conforme a historiografia percorria a Serra Geral em busca de alimento, frente a um bando de índios coroados. Estas excursões nem sempre foram pacíficas e há registros de saques a lavouras e mortandade de brancos. Também não eram de paz aqueles tempos em que os gaúchos - tropeiros e soldados da fronteira - e os estancieiros mobilizavam-se em torno dos ideais farroupilhas, mantendo a República Rio-Grandense. Além disso, o perigo representado pela presença de índios na região era um empecilho à vinda de mão-de-obra europeia em imigração patrocinada pelo Império e já bem sucedida no caso dos alemães. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARAU, 2013)

Nesse contexto, o extermínio do bando chefiado pelo temido cacique Marau era inevitável. Por volta de 1840, acusados de trucidar dois moradores da aldeia Passo Fundo das Missões, os índios foram perseguidos por uma escolta que atravessou o rio Capingüi e, às margens de um arroio, depois chamado de Mortandade, travaram a primeira batalha. Ainda no encalço dos índios fugitivos, a expedição prosseguiu em direção ao sudeste, exterminando o bando às margens de um rio maior. Esse batismo de sangue nomeou-o de rio Marau e com o mesmo nome também passou a ser chamada a região adjacente, povoada por caboclos. Marau foi, durante muito tempo, apenas território para tropeio de gado. Depois, a Coroa distribuiu sesmarias para que os tropeiros e os militares se estabelecessem em estâncias. A vinda de alguns imigrantes das mais diversas pátrias fez surgir os primeiros núcleos populacionais, um denominado de Tope e o outro, de Marau. Este recebeu as primeiras famílias de imigrantes italianos por volta de 1904 e, mais tarde, tornou-se a sede do 5º Distrito de Passo Fundo, criado em 1916. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARAU, 2013)

A vila e a zona rural desenvolveram-se com o trabalho árduo dos colonizadores, descendentes dos imigrantes italianos oriundos das regiões do Vêneto, Lombardia e Trentino, mas foi fundamental o estímulo dos frades capuchinhos, assistentes espirituais dos marauenses a partir de 1934. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARAU, 2013)

Até a década de 1960, a agricultura de Marau manteve um caráter de subsistência, mas a criação de suínos já se transformara em atividade comercial desde a década de 1920,

fomentada pelo frigorífico Borella e Cia Ltda. que, através de seus produtos, tornou a vila conhecida no mercado nacional. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARAU, 2013)

Na década de 1970, a instalação de agências bancárias, o cooperativismo agrícola e a mecanização da lavoura alteraram radicalmente o perfil da produção marauense, voltando-a maciçamente para a monocultura. Entretanto, a crise no setor verificada na década de 1980, provocou não somente um grande êxodo rural, mas uma nova mudança na atividade. Hoje, beneficiada pelo terraceamento do solo, a agricultura volta-se para a diversificação de produtos e na pecuária ganham relevo a produção de leite e a avicultura, atendendo à demanda das indústrias de alimentos instaladas em Marau e na região. Ao todo, a agropecuária reúne mais de 1.700 estabelecimentos e ocupa o segundo lugar em valor adicionado no município. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARAU, 2013)

Atualmente, Marau se destaca como polo industrial no cenário estadual, nacional e internacional, com cerca de 200 empresas, entre elas, 12 empresas de grande porte, totalizando mais de 6.500 empregos. Os demais empregos são oferecidos por cerca de 860 estabelecimentos comerciais e mais de 1.300 estabelecimentos do setor de prestação de serviços. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARAU, 2013)

Nas duas últimas décadas, o parque industrial de Marau ganhou um impulso extraordinário, especialmente nos setores de alimentos, couros, metalomecânico e equipamentos para avicultura e suinocultura, onde nos setores acima se destacam as empresas Grupo Perdigão (hoje BRF), Fuga Couros, Metasa e a americana GSI Group. Segundo dados da EMATER (2013), Marau tem a característica mais marcante de seu desenvolvimento, que é a diversidade em todas as áreas, oriunda da vocação empreendedora de seu povo. Marau preserva em seu nome o passado indígena do Brasil e a memória das batalhas humanas pela ocupação de espaços, batalhas muitas vezes cruéis e quase sempre condenadas ao esquecimento. (Emater, 2013).

O êxodo rural foi muito grande no município devido à industrialização da agricultura, com isso surgiram várias indústrias e com a escassez de mão de obra nas mesmas, os agricultores incluindo os jovens foram buscar sua renda própria na cidade ocorrendo assim um grande êxodo rural. . (Emater, 2013).

Podemos comparar que antes da industrialização da agricultura havia um grande número de pessoas no meio rural, cerca de 40% da população era rural, sendo que hoje são somente 13% e de uma população de idosos, e os jovens já estão na cidade. Apesar do intenso desenvolvimento industrial do município, é possível encontrarmos ainda muitas belezas naturais, as quais ainda pouco exploradas, que apresentam alto potencial de desenvolvimento

de projetos de turismo rural em propriedades da agricultura familiar, valorizando não só estas belezas naturais, mas também a produção agrícola e cultural destas famílias. É neste contexto que se desenvolve há cinco anos a Rota das Salamarias composta por 12 estabelecimentos todos no meio rural, estão localizados nas comunidades de Nossa Senhora do Carmo, São Luis da Mortandade e Taquari. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARAU, 2013)

O desenvolvimento econômico modificou a demografia de Marau: de 25.216 habitantes registrados em 1996, o município passou a 33.378 habitantes em 2007, e atualmente conta com aproximadamente 37 mil habitantes (IBGE, 2010)

Localiza-se a uma latitude 28°26'57" sul e a uma longitude 52°12'00" oeste, estando a uma altitude de 571 metros. Possui uma área de 649,300 km² e sua população estimada em 2010 era de 36.383 habitantes. (IBGE, 2010).



Figura 02- Localização do município de Marau
Fonte: Imagens Google.

A comunidade de N. Sr^a Aparecida localiza-se nos arredores do lago Capingui. Originalmente o local era habitado por caboclos. Daí a escolha de Nossa Senhora Aparecida como padroeira ao se estruturar a comunidade. As famílias descendentes de italianos começaram a chegar a partir de 1936.

Atraídos pela imensa área de terras e pela grande quantidade de araucárias e outras madeiras de lei que abatiam a serrote e machado. Trigo, milho e feijão eram as culturas

desenvolvidas. Passaram por muitas dificuldades pois a locomoção era em lombo de cavalos ou em carroças.

Em 1940 foi construído o primeiro templo religioso, por volta de 1987 o segundo. Quanto ao salão era pequeno construíram em 1970 o primeiro e o segundo e atual em 1989. Já o cemitério em 1970.

Em relação a escola, primeiramente as aulas era ministradas na igreja, seguida em um galpão. Em 1959 construíram a primeira escola e depois em 1981 a comunidade recebeu da prefeitura uma escola ampla em alvenaria a qual permanece até os dias de hoje, mas porém na atualidade sem uso pois esta desativada.



FIGURA 03: Antiga Escola Municipal Desativada.
FONTE: o autor, 2013.

Em 1945, o Governador Valter Jobim deu início a construção de uma represa que iria mover a hidrelétrica Capingui. As obras concluídas em 1950 começaram a formação do lago. Os habitantes da região viram a obra como um malefício, pois inundou muitas colônias de terras férteis, boa parte coberta por mata nativa, além de ninguém ter sido contemplado com energia elétrica por longos anos. Também os relatos de moradores dizem que mais de 60 pessoas perderam a vida, afogados nas águas do lago Capingui. (JORNAL FOLHA REGIONAL, 2012).

A comunidade contava com mais de 50 sócios até o final dos anos de 1980. Partir de então, começou o êxodo para a cidade, sendo que atualmente há apenas 16 famílias que ainda residem lá. (JORNAL FOLHA REGIONAL, 2012).

Em Aparecida situa-se o ponto mais alto de Marau, com 808 metros acima do nível do mar, o que proporciona uma invejável visão que abrange parte de diversos municípios

vizinhos. Ainda a festa da Padroeira N. Sr.^a Aparecida, celebrada anualmente, sempre no dia 12 de outubro, atrai devotos de toda a região. (Prefeitura Municipal de Marau, 2013).

As atividades econômicas desenvolvidas na comunidade destaca-se atualmente uma família que explora um bar, cuja clientela são os frequentadores da barragem, e arredores. As demais são pequenos agricultores, que se dedicam ao cultivo de soja e milho, há também aviários e produtores de leite existem hoje em andamento dentro de uma propriedade um projeto de aumento na produção do leite.

A construção do lago capingui em 1950 tornou seu entorno um verdadeiro éden, tanto que os cidadãos se apossaram das margens, mesmo pertencentes ao Estado, e construíram verdadeiras “vilas ricas” com mansões, chácaras, e o Clube Náutico Capingui. (JORNAL FOLHA REGIONAL, 2012).

4.2 POTENCIALIDADES DO TURISMO RURAL DAS PROPRIEDADES DE NOSSA SENHORA APARECIDA

De acordo com as visitas, a comunidade de Nossa Senhora Aparecida há um total de 16 propriedades. Entretanto, de acordo com o critério metodológico de seleção de propriedades a serem entrevistadas, foram selecionadas 06 propriedades.

Quanto ao perfil dos entrevistados, o Quadro A demonstra que todos são naturais do próprio município de Marau, sendo que se encontram na faixa etária de 48 a 68 anos, com exceção do entrevistado 2, que possui 28 anos. Quatro dos seis entrevistados possuem escolaridade até a quarta série do ensino fundamental, demonstrando a baixa escolaridade. Um dos entrevistados possui ensino médio e outro deu continuidade aos estudos e possui formação em Direito, hoje possui um escritório de advocacia na cidade de Marau, mas também executa a atividade agrícola.

QUADRO A- CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistado	Idade	Naturalidade	Escolaridade	Ocupação atual
1	50	Marau	Superior	Advogado/Agricultor
2	28	Marau	Ensino Médio	Agricultor
3	58	Marau	4ª série	Agricultor
4	63	Marau	4ª série	Agricultor
5	48	Marau	4ª série	Agricultor
6	68	Marau	4ª série	Agricultor

FONTE: o autor, 2013.

QUADRO B – CARACTERÍSTICAS DA FAMÍLIA

Entrevistado	Membros	Idade	Filhos na propriedade	Membros envolvidos nas atividades da propriedade	Outra ocupação dos membros
1	4	50, 48, 17, 12	Não	2	2 em Advocacia
2	3	28, 27, 4	1	2	Não
3	2	58, 55	Não	2	Não
4	3	63, 60, 28	1	3	Não
5	3	48, 45, 65	Não	3	Não
6	4	68, 54, 45, 38, 35	4	4	Não

FONTE: o autor, 2013.

Todos os membros da família estão envolvidos em atividades realizadas na propriedade exceto os de menor idade, sendo que hoje residente na propriedade em média estão apenas um casal e um filho. A família 01 difere-se, pois reside na cidade onde exerce outra função não agrícola, em sua propriedade, em Aparecida a um casal que trabalha (assalariados).

Com relação às características das propriedades, conforme demonstra o Quadro C, as áreas das propriedades são pequenas, podendo ser divididas em dois grupos: um de cinco a sete hectares (entrevistados 2, 3 e 6) e outro de 24 a 30 hectares (entrevistados 1, 4 e 5). Algumas são de herança de familiares e outras adquiridas em função do êxodo rural.

QUADRO C – CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES ESTUDADAS

Entrevistado	Área (ha)	Atividades desenvolvidas	Principal fonte de renda	Trabalhadores assalariados
1	30	Grãos	Grãos	2
2	5	Leite /Cachaça	Leite	Não
3	5	Leite / Cachaça	Leite	Não
4	24	Leite / Grãos	Leite	Não
5	25	Leite / Grãos	Leite	Não
6	7	Leite/ Grãos	Leite	Não

Fonte: o autor, 2013.

No momento, as famílias cultivam o milho, soja e cana de açúcar, e criação de bovinos leiteiros, a exploração de leite.

De acordo com os dados, a relação entre o tamanho de propriedades e a atividade desenvolvida pela família, apresenta um ponto relevante: a maior propriedade (30ha) é do entrevistado que exerce a função de advocacia na cidade, desenvolvendo somente a atividade relacionada ao cultivo de grãos, além de ser a única que possui mão-de-obra assalariada, contando com dois funcionários. Isto pode estar indicando que esta propriedade serve de lazer para os finais de semana da família. Soma-se a isto o fato que apenas esta propriedade possui membros com outra ocupação além da atividade agrícola (**vide Quadro A**)

FIGURA 04 – SEDES DAS PROPRIEDADES ESTUDADAS



Fonte: o autor, 2013.

A principal fonte de renda em cinco das seis propriedades entrevistadas é a produção de leite. A cana de açúcar é fonte de renda através da produção de cachaça em duas propriedades (2,3). A composição das rendas das famílias estudadas é de elevada importância para a identificação da qualidade de vida e nível de bem-estar das mesmas, pois o rendimento familiar é um parâmetro de bem-estar. Está confirmado nas estatísticas do IBGE que, quanto

maior o rendimento da família, melhor o acesso a informações e conseqüentemente um maior nível de escolaridade. Este, por sua vez, permite-lhe a busca por empregos mais rentáveis ou atividades que lhes proporcionem melhores condições de vida.

4.2.1 Interesse dos proprietários no turismo rural

As famílias de Aparecida pensam em diversificar as fontes de renda, pois a produção de grãos (soja) na pequena propriedade é totalmente inviável, vez que, dependendo das condições climáticas, não sobra recursos para pagar os custos da produção. Como recurso de pluriatividade as famílias estão buscando outras atividades no caso não agrícolas.

O desejo de diversificar as atividades na propriedade é para que haja ocupação para os filhos, para que os mesmos permaneçam nesta comunidade preservando as origens culturais.

As atividades a serem implantadas nas propriedades serão agrícolas e não agrícolas. Em uma propriedade esta em fase de conclusão uma estrutura para a produção de leite que como objetivo principal seja a maior fonte de renda da propriedade. Além do primeiro projeto de mudança de foco para Leitearia, já estão ampliando a área de plantio de cana, visando produzir, cachaça, mas também, outros derivados como suco, melado, rapadura e até álcool combustível para consumo nos veículos próprios. Tais atividades estão sendo realizadas visando no futuro uma rota turística para expor aos visitantes o manejo da propriedade.

Ao analisar o interesse das famílias no turismo rural, as mesmas apontam como uma forma de diversificar a renda, já que amigos e alguns parentes já vivem esta realidade na rota turística existente (Salamarias). Atividade essa que além de gerar renda aproxima as pessoas com um universo de valores aos quais não estão inseridos.

Os entrevistados, quando solicitado o que poderia se constituir um atrativo em sua propriedade, apresentaram como atrativos recursos naturais. Os turistas irão encontrar em Aparecida passeios pelas matas (trilha ecológica), áreas de camping e lazer, comidas típicas, culturas ligadas ao interior.

As famílias pretendem investir nas propriedades, para melhor atender aos visitantes. Quanto à mão de obra, que o turismo ira gerar nas propriedades, as famílias acreditam não precisar contratar funcionários e sim trazer de volta para casa, os filhos que foram para a cidade.

Ate o momento a Prefeitura e demais entidades ligadas ao turismo, possuem conhecimento do potencial da região, mas não apresentaram nenhum projeto concreto, apenas diálogos verbais.

As famílias pretendem receber em suas propriedades, turistas que agreguem um valor financeiro e principalmente cultural, que divulguem os trabalhos, avaliem os serviços, contribuam com ideias sejam verdadeiros parceiros destas famílias e comunidade.

Se implantado o turismo as famílias sentem a necessidade de cursos para a capacitação, vez que a grande maioria não possui nível avançado de estudo.

A região de Nossa Senhora Aparecida é rica em atrativos turísticos os quais atrai visitantes aquela comunidade. As famílias que ali vivem possuem interesse na atividade turística, para que assim possam oferecer o que a de melhor atrativo em sua propriedade, fazendo com que isso gere renda local e desenvolva a comunidade.

4.2.2 Classificação dos atrativos

No centro da comunidade encontra-se o ponto mais alto de Marau, com 808 metros acima do nível do mar, o que proporciona uma invejável visão que abrange parte de diversos municípios vizinhos.

Ao visitar as famílias e a comunidade em geral, nos deparamos com vários atrativos turísticos. A construção do lago capingui em 1950 tornou-se seu entorno um atrativo que traz visitantes de toda a região para área de lazer.

As propriedades ficam, ficam próximas aos atrativos turísticos consolidados da comunidade. Sendo eles:

FIGURA 05 – BARRAGEM DO RIO CAPINGUI



FONTE: o autor, 2013.

FIGURA 06 – CAPELA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA APARECIDA



FONTE: o autor, 2013.

Algumas famílias se apossaram de áreas próximas ao lago e construíram verdadeiras vilas ricas, com mansões, piscinas, áreas de lazer, quiosque e em uma área possui uma igreja replica de Santiago de Compostela.

FIGURA 07: MANSÕES NA BEIRA DA BARRAGEM



FONTE: o autor, 2013.

FIGURA08: IGREJA REPLICA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



FONTE: o autor, 2013.

O clube Náutico Capingui que embora fundado por passofundenses, tem hoje muitos marauenses associados. Ao pé da muralha-barragem, com mais de 20 metros de altura há o monumental viaduto da viação férrea, onde também é um dos atrativos.

FIGURA 09: VIADUTO DA VIAÇÃO FÉRREA.



FONTE: o autor, 2013.

A festa de Nossa Senhora Aparecida atrai milhares de visitantes no dia de Aparecida 12 de outubro. A mesma é realizada na comunidade, tem início pela manhã com uma procissão seguida de uma missa campal, logo após bênção de objetos, venda de churrasco, bebidas, doces, saladas, pães para o almoço. À tarde jogos populares e tarde dançante.

Na propriedade da família 1, a mesma conta com um açude, criado para banhos e pesca, e se mantendo água cristalina vindas direto de fontes protegidas por mata nativa, casa-pousada, piscina e área de camping e lazer. Atualmente apenas a família ocupa essa área de lazer. Há também alambique para a produção de cachaça e derivados de cana.

FIGURA 10: AÇUDE PARA PESCA



FONTE: o autor, 2013.

FIGURA 11: PISCINA NA PROPRIEDADE (1).



FONTE: o autor, 2013.

Próximo à capela (igreja e salão) encontramos a escola a qual os associados pretendem montar um museu histórico, contando a história da comunidade através de objetos, fotografias, livros etc.

Em duas propriedades as famílias possuem atrativos naturais como mata nativa, fontes naturais, sanga, atrativos esses que podem promover um passeio em volta as propriedades, seguidos de trilha ecológica.

FIGURA12: BANHADO COM NASCENTES.



FONTE: o autor, 2013.

A família 06 faz divisa de terras com a barragem capingui, nas proximidades mata nativa a qual na estação do verão apresenta uma agradável sombra. Esta área de camping e lazer é um atrativo que vira a trazer visitantes, os quais se refugiaram das altas temperaturas da cidade em busca de sombra, banho no lago, e pesca.

QUADRO D – CLASSIFICAÇÃO DOS ATRATIVOS DE NOSSA SENHORA APARECIDA

Categoria	Atrativos turísticos	Localização
Sítios Naturais	Morro mais alto do município	Comunidade
	Barragem do Capingui	Comunidade
	Pesca no Clube Náutico e Arredores da Barragem	
	Trilha ecológica	Propriedade 04.
	Flora e fauna característicos da região	Propriedade 05
Museus e manifestações histórico-culturais	Museu a ser implantado	Comunidade
	Lugar histórico	Propriedade 3
Folclore	Manifestação Religiosa no Santuário	Comunidade
Realização técnica científica	Exploração Agropecuária	Propriedades 02, 03, 04, 05, 06.
Eventos Programados	Festa religiosa	Comunidade

Fonte: o autor, 2013.

Ao analisar o quadro D, percebemos que os atrativos enquadram-se na classificação de atrativos turísticos segundo Boullón figura 01.

5 CONCLUSÕES

A construção deste trabalho foi bastante gratificante, pois possibilitou a busca sobre um assunto que sempre me causou curiosidade no decorrer da graduação, em que a intenção de pesquisar e realizar um trabalho nesta perspectiva sempre esteve presente. O levantamento de fundamentos para a defesa da utilização do turismo no interior das cidades proporcionou-me prazer e o desejo de buscar ainda mais, de conhecer o assunto e suas especificidades, objetivando o crescimento pessoal e profissional.

Os objetivos propostos foram alcançados, pois as ideias dos autores foram se entrelaçando e formando opiniões construtivas, no caminho da resposta do tema deste trabalho.

O ambiente onde vivemos muito mais que um meio físico possui características específicas relacionadas a história de vida de cada um de nós. Criamos um vínculo pessoal e duradouro com as pessoas e objetos que nos cercam, eles passam a fazer parte de certa forma de nós mesmos, da nossa memória, do nosso eu. Com eles criamos e fortalecemos laços que nos afirmam e definem fazendo-nos sentir a segurança de pertencer realmente a um grupo. Nesse contínuo relacionamento do pessoal com o social o turismo tem um papel significativo, já que contribui na construção da convivência.

No debate em torno do meio rural, sua valorização, identidade e simbologias peculiares, encontram-se as manifestações de toda uma conjunção de ações cotidianas carregadas de valores próprios e heranças históricas, na qual se fundamenta a existência das ruralidades. Essa conjunção encontra-se muitas vezes no rural dos pequenos municípios.

Pequenos municípios no interior do Brasil, como o município de Marau RS, especificamente a comunidade de Aparecida, apresentada nesse estudo, possuem as características rurais em seu cotidiano. Isso tudo ocorre, seja pelo apego as tradições, seja pela falta de infraestrutura para o seu funcionamento como nas cidades em si, ou então ambos os casos. A falta de estrutura mesmo pode reforçar a permanência de muitos costumes, pois a distância das “novidades” faz com que a comunidade não mude os costumes.

Contudo, percebe-se nesses locais a presença marcante das ruralidades em toda a sua extensão, sejam elas expressas pelas festividades, pelo contato próximo de seus habitantes, enfim, ela está presente no modo de vida dessa comunidade.

Foi constatado nesse estudo, que a partir da análise dos dados obtidos na pesquisa de campo confrontada com as teorias Nossa Senhora Aparecida, tem potencial para desenvolver a atividade turística no meio rural e a comunidade rural quer se tornar uma comunidade

receptora, porém ainda são necessários outros estudos a fim de definir a ideia que essa população tem sobre as práticas do turismo.

Os proprietários possuem interesse na atividade turística. Atividade essa que a partir do seu desenvolvimento, poderá trazer de volta para suas raízes aqueles filhos que foram para a cidade em busca de trabalho e melhores condições de vida. Agora com o desenvolvimento da comunidade em especial das propriedades aconteceu o progresso dessas famílias que persistiram em ficar ali. A geração de renda, cultura, educação e lazer estarão mais próximos dessas pessoas.

Acreditamos no êxodo, mas desta vez urbano, pois o retorno à comunidade aconteceu de forma progressiva a cada evento ou visita programado pelas famílias assim que implantada a rota turística e cultural Caminho das Águas. A comunidade de Nossa Senhora Aparecida possui potencial para a formação deste roteiro turístico.

A discussão teórica proposta neste trabalho apresenta uma parcela muito pequena do que se sabe e conhece sobre Turismo Rural e Turismo no Meio Rural. Acreditamos que para a implantação da mesma deva-se surgir mais estudos por partes técnicas, que possam avaliar, e instruir as famílias nas benfeitorias e preparo através de cursos de formação na questão de gestão, comunicação e gastronômica.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Referências para o Desenvolvimento Territorial Sustentável: Série textos para Discussão** 4. outubro 2003.

BRUM, Argemiro J. **Modernização da Agricultura** – Trigo e Soja, Petrópolis: Vozes, 1988.

BOULLÓN, R. C. Planejamento do espaço turístico. Tradução: Josely Vianna Baptista. Bauru/SP: Edusc, 2002

CAMPANHOLA, C. e J.GRAZIANO DA SILVA. **O Novo Rural Brasileiro: Uma Análise Nacional e Regional**. Campinas, EMBRAPA/UNICAMP. 2000. (4 volumes).

CASADO, Glória G.; MOLINA, Manuel G de; GUZMÁN, Eduardo. **S. Introcucción a la Agroecologia como Desarrollo Rural Sostenible**. Madrid: Ediciones Mundi-Prensa, 2000.

COUTO, 2006. Disponível em: <http://www.assisdocouto.com.br/2012/noticias-detalle>.

DELGADO, N.G. **Política Econômica, Ajuste Externo e Agricultura**. Debates -CPDA, nº 7, setembro de 1998, Rio de Janeiro, 1998. 44 p. CPDA, Debates, 7.

FROEHLICH, José M. **O ‘Local’ na Atribuição de Sentido ao Desenvolvimento**. Textos CPDA, Número 7/Maio/1999.

GRAZIANO NETO, Francisco. **Questão Agrária e Ecologia: Crítica da Agricultura Moderna**, São Paulo: Brasiliense, 1985.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MINAYO, Maria. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.

MINISTÉRIO DO TURISMO:

<http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/secretaria_politicas/dep/> acesso em maio 2013

NOBRE DAMASCENO, Maria. **A Construção do Saber Social Pelo Camponês na sua prática produtiva e Política**. In: THERRIAN, J.; NOBRE DAMASCENO, M. (Coord.). **Educação e Escola no Campo**. Campinas: Papyrus, 1993.

RUSCHMANN, D. V. de M. **Turismo e Planejamento Sustentável: A proteção do meio ambiente**. 9. ed. Campinas, SP : Papyrus, 1997 . 199p. (Coleção Turismo)

SOUZA, M. De; ELESBÃO, I. (orgs.) **Turismo Rural: Iniciativas e Inovações**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

SCHNEIDER, Sergio. **Abordagem Territorial do desenvolvimento Rural e suas Articulações Externas**. 2004

SILVA, José G. da. Apresentação. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino (Orgs.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. xxv-xxvii

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WANDERLEY, M. N. B. **Brasil: exploração familiar ou latifúndio?** In: LAMARCHE, H. A Agricultura familiar. Paris: L'Harmattan, 1994, p. 20-27, v.2

WANDERLEY, Maria de Nazareht Baudel. **Trajatória social e projeto de autonomia: os produtores familiares de algodão da região de Campinas**. São Paulo: Cadernos IFCH/UNICAMP, 1989.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROPRIETÁRIOS RURAIS.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL – PLAGEDER

DATA: _____ ENTREVISTA n° _____

TURISMO RURAL NO INTERIOR DO MUNICÍPIO DE MARAU-RS: UMA ANÁLISE DE SEU POTENCIAL.

Sobre o entrevistado:

1	Nome:
2	Idade:
3	Naturalidade:
4	Escolaridade:
5	Ocupação atual:

Sobre a família:

6	Número de membros da família:
7	Qual a idade deles?
8	Quantos membros da família estão envolvidos nas atividades da propriedade?
9	Algum membro da família possui outra ocupação fora da propriedade? Qual?

Sobre a propriedade:

10	Qual o tamanho da propriedade (hectares)?
11	Que tipos de atividades são desenvolvidas na propriedade?
12	Qual é atividade que oferece a principal fonte de renda na propriedade?
13	Possui trabalhadores assalariados? Quantos?

Sobre o interesse no turismo rural:

14	O senhor(a) deseja diversificar as atividades de sua propriedade? Por que?
15	Se o senhor(a) diversificasse as atividades, quais desejaria implantar na propriedade?
16	O senhor(a) gostaria de trabalhar com turismo rural? Qual são os principais motivos/interesses?
17	O que o senhor(a) acha interessante e que poderia se constituir em atrativo em sua propriedade e que pretenderia apresentar aos visitantes?
18	Quais são as atividades que o senhor(a) gostaria de oferecer aos visitantes em sua propriedade?
19	Pretende investir em sua propriedade (por exemplo: reformas, construções, paisagismo)? No que o senhor (a) pretende investir?
20	O senhor (a) julga necessário contratar funcionários? Quantos? Para quais atividades?
21	Existe algum tipo de programa de turismo (da Prefeitura ou da Emater) que já foi apresentado ou estimulado em sua propriedade?
22	Que perfil de turistas o senhor(a) espera receber em sua propriedade?

23	Se implantado o turismo rural vocês se sentem preparados para atuar nesta atividade? Por que? Que tipo de capacitações/cursos se interessariam fazer?
24	Em sua opinião, como o turismo pode contribuir para o desenvolvimento da comunidade de Nossa Senhora Aparecida?

Anote aqui as perguntas e respostas adicionais, que julgou relevante durante a entrevista:
